

Do viral ao concreto: uma análise discursiva de memes sobre a proibição de celulares nas escolas brasileiras

From viral to the concrete: a discursive analysis of memes about the ban on cell phones in brazilian schools

Manassés Moraes Xavier¹
Universidade Federal de Campina Grande - UFCG
manasses.morais@professor.ufcg.edu.br

Raniere Marques de Melo²
Universidade Federal de Campina Grande - UFCG
raniere.marques@professor.ufcg.edu.br

RESUMO: Este artigo investiga a relação entre discurso, resistência e políticas educacionais, analisando processos de interação discursiva materializados em memes sobre a proibição de celulares nas escolas brasileiras - Lei nº 15.100/2025. Fundamentado na Teoria Dialógica da Linguagem do Círculo de Bakhtin, em especial nos conceitos de enunciado concreto, dialogismo e gêneros do discurso, o estudo objetiva examinar como os memes articulam estratégias de resistência, vozes sociais em confronto (estudantes, instituições escolares) e representações sobre tecnologia e educação. Trata-se de uma pesquisa qualitativa, focada em memes virais publicados no *Instagram* entre abril e maio de 2025, em resposta à sanção da lei supramencionada. Seleccionamos, como *corpus*, dois memes que foram analisados: um que satiriza alunos realizando manobras absurdas em sala de aula e outro que hiperboliza a dificuldade de comunicação sem celulares. Grosso modo, os resultados demonstram esses enunciados concretos como discursos humorísticos que carnalizam o discurso institucional e viralizam críticas. Por fim, a análise reforça a perspectiva bakhtiniana de que a linguagem é um campo de disputa dialógica, no qual os memes emergem como gêneros discursivos digitais que não apenas respondem a normas, mas as ressignificam, transformando-se em arenas de negociação de sentidos sobre educação, controle e autonomia juvenil na era digital.

Palavras-chave: Teoria Dialógica do discurso; Enunciado concreto; Gênero discursivo meme; Lei nº 15.100/2025.

ABSTRACT: This article investigates the relationship between discourse, resistance, and educational policies by analyzing discursive interaction processes materialized in memes about the ban on cell phones in Brazilian schools (Law no.

¹ Doutor em Linguística pela Universidade Federal da Paraíba, com estágio pós-doutoral em Linguística pela mesma instituição. Professor de Língua Portuguesa e Linguística na Unidade Acadêmica de Letras do Centro de Humanidades da Universidade Federal de Campina Grande. Professor Permanente no Programa de Pós-graduação em Linguagem e Ensino da Universidade Federal de Campina Grande.

² Doutor em Linguística pela Universidade Federal da Paraíba, com estágio pós-doutoral em Linguística pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Professor de Língua Portuguesa e Linguística na Unidade Acadêmica de Letras do Centro de Formação de Professores da Universidade Federal de Campina Grande. Professor Permanente no Programa de Pós-graduação em Mestrado Profissional em Letras da Universidade Federal de Campina Grande.

15.100/2025). Grounded in the Dialogic Theory of Language of the Bakhtin Circle, particularly in the concepts of concrete utterance, dialogism, and speech genres, the study examines how memes articulate strategies of resistance, opposing social voices (students, school institutions), and representations of technology and education. It is a qualitative study focused on viral memes published on Instagram between April and May 2025, in response to the sanctioning of the aforementioned law. The corpus comprises two memes: one satirizes students performing absurd maneuvers in the classroom, and the other hyperbolizes the difficulty of communication without cell phones. Overall, the results indicate that these concrete utterances function as humorous discourses that carnivalize institutional discourse and amplify criticism through virality. The analysis reinforces the Bakhtinian perspective that language constitutes a field of dialogic struggle in which memes emerge a digital discursive genres that not only respond to norms but also resignify them, becoming arenas for negotiating meanings around education, control, and youth autonomy in the digital age.

Keywords: Dialogic Theory of discourse; concrete utterance; meme as discursive genre; Law nº 15.100/2025.

Considerações iniciais

Sancionada pelo presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, em 13 de janeiro de 2025, a Lei nº 15.100/2025 dispõe sobre o uso, por estudantes, de aparelhos eletrônicos portáteis pessoais nos estabelecimentos públicos e privados de ensino da educação básica. De modo específico, a norma visa à restrição do uso de celulares em escolas, regulamentando sua utilização durante os períodos de aula, recreio e intervalos, tanto em instituições públicas quanto privadas.

A sanção resulta de um longo trâmite legislativo: o Projeto de Lei nº 104/2015, de autoria do deputado Alceu Moreira (PMDB/RS), que foi protocolado dez anos antes, em 2015. Conforme a ementa original, o projeto “proíbe o uso de aparelhos eletrônicos portáteis nas salas de aula dos estabelecimentos de educação básica e ensino superior”. Em sua justificativa, apresentada em 2 de fevereiro de 2015, o parlamentar faz referência a um projeto arquivado anteriormente, de autoria do deputado Pompeo de Mattos, que já discutia a vedação do uso de telefones celulares nas escolas brasileiras e havia sido apreciado pela Comissão de Educação em 2009.

Esse é o panorama que corrobora a motivação para nossa investigação. Para tanto, a discussão aqui empreendida baseia-se nas contribuições da Teoria Dialógica da Linguagem, oriunda do Círculo de Bakhtin. Tomamos como objetivo analisar discursivamente os sentidos produzidos e circulados por meio de memes que tematizam a proibição de celulares nas escolas brasileiras, com foco: (i) nas estratégias de construção discursiva como forma de resistência; (ii) nas vozes sociais em diálogo/confronto presentes no enunciado concreto; e (iii) nas representações sobre tecnologia e educação que esses textos visuais veiculam. Esta pesquisa mobiliza como fundamentação teórica principal: (1) o conceito de dialogismo e interação discursiva na perspectiva do Círculo de Bakhtin; (2) a articulação entre a teoria dos gêneros do discurso e a noção de enunciado concreto; e (3) a abordagem do meme enquanto gênero discursivo digital específico.

Metodologicamente, a pesquisa se deu em função de produções meméticas de amplo alcance nas redes sociais digitais, que foram geradas no contexto pós-promulgação da Lei nº 15.100/2025, legislação que veda a utilização de telefones celulares nas unidades escolares do país. A seguir, apresentaremos o quadro de incursão teórica que ampara a investigação realizada.

A Teoria Dialógica da Linguagem em foco

A perspectiva da Teoria Dialógica da Linguagem, do Círculo de Bakhtin³, considera que as relações dialógicas constituem a forma clássica de comunicação discursiva. Tal perspectiva recruta a existência de sujeitos falantes, sujeitos que interagem, visto que o enunciado é dotado de reações-respostas que (de)marcam a responsividade ativa do interlocutor, do outro, realçando o entendimento de que a natureza da palavra quer sempre ser ouvida, o que convoca a noção de linguagem enquanto práticas ideológicas de interações discursivas presente nos escritos de Bakhtin (2016 [1952-1953]) e Volóchinov (2017 [1929]).

Essa noção de linguagem orienta-se pela perspectiva de que o significado dos mais variados enunciados está nas vivências de interação discursiva, em um trânsito em que há uma limitação intransponível no olhar de quem enuncia e que só o outro pode preencher. Em outras palavras, o outro fornece o inacabamento da vida verboideológica, configurando a inseparavelmente dupla orientação de todo significado.

A vida verboideológica ampara-se na concepção de linguagem intimamente relacionada às ideologias. Tudo em linguagem, na visão do Círculo de Bakhtin, é ideológico. No propósito de desenvolver tal concepção, Bakhtin inclui, em seus escritos, o termo signo ideológico, mencionando que o seu verdadeiro lugar é o material social discursivamente localizado em campos da comunicação. Desse modo, para Volóchinov (2017 [1929]) e Bakhtin (2015 [1930]), o signo possui uma vida verboideológica: verbo, pois se refere ao sistema da língua, e ideológico, porque é formado por axiologias refletidas e refratadas no e pelo social.

À luz de Bakhtin (2015 [1930], p. 63),

A vida social viva e a formação histórica criam no âmbito de uma língua nacional abstratamente única uma pluralidade de universos concretos, de horizontes verboideológicos sociais e fechados. Os elementos fechados e abstratos da língua no interior desses diferentes horizontes são completados por conteúdos semânticos e axiológicos e soam de modo diferente.

³ Conforme Xavier (2020), trata-se de um grupo de intelectuais de distintas formações e atuações profissionais que, no período cronológico de 1919 a 1929, reunia-se nas cidades russas de Nevel e Vitebsk. Dentre esses intelectuais, a partir de Faraco (2009), destacamos: Matvei I. Kagan (filósofo), Ivan I. Kanaev (biólogo), a pianista Maria V. Yudina, o professor de literatura Lev V. Pumpianski e, principalmente, os três que subsidiaram as discussões empreendidas nesta tese – Mikhail Mikhailovich Bakhtin (filósofo), Valentin Nikolaevich Volóchinov (professor de história da música e de estudos linguísticos) e Pável Nikoláievitch Medviédov (teórico e historiador da literatura).

O que essa citação nos aponta é o fato de que a abordagem presente no Círculo de Bakhtin admite aderência à visão de interação ideologicamente situada. Tal abordagem atrela-se ao de dialogismo. É assim que se estabelece a base do processo de produção dos discursos, entendidos como redes de relações dialógicas convocadas e assumidas por um sujeito e expressas pela linguagem por meio de um ponto de vista: condição necessária para se construírem sentidos sobre enunciados concretos – conceito que abordaremos no tópico que tratará da noção de gêneros do discurso.

Em outros termos, pensar sobre a natureza dialógica da linguagem corresponde a ler que os humanos estão, a todo momento, inseridos em processos de interações discursivas que preenchem as necessidades comunicativas nas mais variadas possibilidades de interações sociais: de uma conversa espontânea e íntima com familiares à defesa pública de uma tese em um evento acadêmico; de uma consulta médica a uma festa de aniversário.

Desse modo, considerar a linguagem é ir além das especificidades de um instrumento de comunicação codificado, sistemático. É, verdadeiramente, se expor a um circuito de entrecruzamentos de materiais simbólicos (língua, gestos, tons) que oportunizam a produção de sentidos. Portanto,

[...] é necessário que o *significado*, oculto no gesto da mão de um homem, seja *compreensível* para outro homem; que este homem saiba estabelecer – graças à experiência precedente – a relação necessária entre esse movimento e o objeto ou acontecimento em cujo lugar ele é empregado. Em outras palavras, o homem deve compreender que esse movimento é portador de um significado, que esse movimento expressa um *signo* [...] pois somente assim se realizará a segunda condição necessária para a comunicação verbal para além da transmissão do signo: a *compreensão* do signo e a *resposta* a ele (Volóchinov, 2019 [1930], p. 142-143, grifos do autor).

Logo, a linguagem não pode ser entendida, unicamente, como sinônimo de língua, uma vez que sua compreensão, seu significado, abarca modos distintos de produzir processos de comunicação, isto é, possui diferentes possibilidades de comunicar: a própria língua, o gesto da mão, do olhar, o silêncio. Segundo Xavier (2020), tais possibilidades gerenciam, em um movimento portador de significados, o exercício dialógico de compreender e de responder a enunciados em espaços específicos de comunicação social, como leremos adiante.

Os gêneros do discurso

Em Bakhtin (2016 [1952-1953]), vemos uma definição de enunciado que o lê como constituído a partir da noção de dependência a outros enunciados. Nas palavras do autor, eles – os enunciados – não se bastam a si mesmos, mas surgem em função dos (re)conhecimentos que uns mantêm, mutuamente, com os outros no âmbito das comunicações discursivas, sendo, portanto, compreendidos como respostas, seja no sentido de concordar, refutar, ampliar, dentre outras possibilidades de compreensão.

Nessa assertiva, reside um princípio fecundo presente na Teoria Dialógica da Linguagem: o da consideração de que todo enunciado é proveniente de outros já proferidos em outros circuitos de comunicação social. Assim, em linguagem, a origem do dizer é posta em questionamento, uma vez que nada é original, único, primeiro, mas ecos/ressonâncias de outros dizeres. Tudo é dialógico.

Conforme Bakhtin (2016 [1952-1953]), a produção e a compreensão dos enunciados, de certo modo, levam em conta a existência de enunciados precedentes, funcionando, para tanto, como respostas a estes – eis o princípio dialógico da linguagem e a efervescência do conceito de interação discursiva.

Para os estudos do Círculo, o enunciado é essencialmente concreto. Mas, afinal, o que é o enunciado concreto? Segundo a Teoria Dialógica da Linguagem, todo enunciado real possui um sentido e as palavras assumem inúmeras significações em função do seu uso que, por sua vez, é concreto. É por isto que o sentido da palavra – e da linguagem de uma forma geral – é totalmente determinado por seu contexto.

Logo, o enunciado é entendido como unidade da comunicação discursiva. Para Bakhtin (2016 [1952-1953]) e Volóchinov (2017 [1929]), é preciso diferenciar a palavra da língua do enunciado concreto. A palavra da língua, segundo os seus escritos, é desprovida de emoção, de juízo de valor. Já o enunciado concreto é dotado de elemento expressivo, isto é, a relação subjetiva emocionalmente valorativa do falante com o conteúdo do objeto e do sentido do seu enunciado. Nos diferentes campos da comunicação discursiva, o elemento expressivo tem significado vários e grau vários de força, existindo em toda parte: um enunciado absolutamente neutro é impossível.

As principais características do enunciado, de acordo com Bakhtin (2016 [1952-1953]), são: tem contato direto com a realidade, assim como relação com outros enunciados; propicia uma atitude responsiva por parte do outro e é delimitado pela alternância dos sujeitos do discurso. Nessas condições, o enunciado é pleno de tonalidades dialógicas, isto é, todo

enunciado está em constante diálogo com outros enunciados, tanto com os que o antecedem quanto com os que o sucedem, numa corrente complexa e organizada de outros enunciados. Na visão bakhtiniana, cada enunciado é pleno de ecos e ressonâncias de outros enunciados com os quais está ligado pela identidade do campo da comunicação discursiva. Cada enunciado deve ser visto, antes de tudo, como uma resposta aos enunciados precedentes de um determinado campo de atuação social.

Nesse contexto, destacamos um dos principais aspectos do enunciado concreto: a possibilidade de se responder a ele, isto é, ocupar em relação a ele uma atitude responsiva. O interlocutor, ao compreender determinado enunciado, ocupa uma posição, uma atitude responsiva em relação a ele. Tal compreensão pode ser ativa ou passiva, mas, de qualquer forma, é resposta, isto é, se o indivíduo toma determinada atitude em relação a um enunciado, já está respondendo a ele. O próprio locutor espera uma compreensão ativa, uma resposta do outro.

E essa resposta se dá a partir da produção de enunciados que se materializam por meio do uso social de gêneros. A própria definição de gêneros do discurso, cunhada por Bakhtin (2016 [1952-1953], p. 11-12, grifos do autor), atrela a noção de enunciados à de gêneros, como podemos observar na citação a seguir:

Todos os diversos campos da atividade humana estão ligados ao uso da linguagem. Compreende-se perfeitamente que o caráter e as formas desse uso sejam tão multiformes quanto os campos da atividade humana, o que, é claro, não contradiz a unidade nacional de uma língua. O emprego da língua efetua-se em forma de enunciados (orais e escritos) concretos e únicos, proferidos pelos integrantes desse ou daquele campo da atividade humana. Esses enunciados refletem as condições específicas e as finalidades de cada referido campo não só por seu conteúdo (temático) e pelo estilo da linguagem, ou seja, pela seleção dos recursos lexicais, fraseológicos e gramaticais da língua, mas, acima de tudo, por sua construção composicional. Todos esses três elementos – o conteúdo temático, o estilo, a construção composicional – estão indissolivelmente ligados no todo do enunciado e são igualmente determinados pela especificidade de um determinado campo da comunicação. Evidentemente, cada enunciado particular é individual, mas cada campo de utilização da língua elabora seus *tipos relativamente estáveis* de enunciados, os quais denominamos *gêneros do discurso*.

Apesar de extensa, essa passagem do texto de Bakhtin é crucial para nosso objetivo de conceituar gêneros do discurso sob uma perspectiva discursivamente dialógica. Bakhtin (2016 [1952-1953]) toma os gêneros como formas relativamente estáveis de relações dialógicas entre as atividades humanas. Os gêneros se concretizam em textos, por meio do discurso, e

sua concretização se dá a partir da escolha do conteúdo temático, da construção composicional e do estilo, que são determinados pela comunicação discursiva.

O conteúdo temático refere-se ao sentido gerado nas interações dialógicas da linguagem humana, sentidos extraídos das relações sociais dos sujeitos. Quanto à construção composicional, existem duas formas: a composicional, que diz respeito às formas da língua, elementos estruturais do texto, e a arquitetônica, que determina a forma da composição, a organização do conteúdo expresso pela língua. Já o estilo resulta das relações entre o autor e o seu grupo social, também refletindo a forma do conteúdo, a organização, não dando ênfase à norma, nem ao seu uso: o estilo linguístico é determinado a partir das interrelações do evento descrito e do seu agente – sujeito – e pode ser alterado de acordo com a orientação social do enunciado.

O gênero do discurso, portanto, não é uma forma da língua. Todavia, uma forma do enunciado que, como tal, recebe do gênero uma expressividade determinada, típica, própria do gênero dado. Os gêneros correspondem a circunstâncias e a temas típicos da comunicação verbal e, por conseguinte, a certos pontos de contato típicos entre as significações da palavra e a realidade concreta, isto é, o discurso.

Eles estão ligados às situações sociais da interação: qualquer mudança nessa interação gerará mudanças no gênero. Bakhtin (2016 [1952-1953]) enfatiza a relativa estabilização dos gêneros e a sua ligação com a atividade humana. Em suma, eles estão vinculados à situação social de interação. Por isso, como os enunciados individuais são constituídos de duas partes inextricáveis, a sua dimensão linguístico-textual e a sua dimensão social, cada gênero está vinculado a uma situação social de interação típica, dentro de um campo social que tem, por natureza, sua finalidade discursiva, sua própria concepção de locutor e de interlocutor. Então, qualquer alteração nesses papéis pode ocorrer mudanças no gênero.

O gênero discursivo meme

O meme, com origem na década de 70 do século XX, proposto pelo biólogo Richard Dawkins, quem criou o conceito de “memética”, similar à “genética”, por entender que, assim como no enquadramento biológico, os genes se replicam em organismos biológicos; por isso, o meme tem um poder de réplica considerável, expande-se facilmente e em larga escala.

A partir dessa contextualização, é possível considerar o meme enquanto um gênero do discurso, nos moldes do apresentado por Bakhtin (2016 [1952-1953]). Logo, enquanto

gênero, ele carrega elementos culturais que produzem sentidos historicamente situados. À luz das contribuições teóricas do Círculo de Bakhtin, pode-se inferir que o *meme* é um gênero discursivo porque está ligado *ao uso da linguagem em um dado campo da atividade humana*, porque se concretiza em forma de enunciados, em *tipos relativamente estáveis*, imbricado de um *conteúdo temático*, de um *estilo* e de uma *construção composicional*, conforme Bakhtin (2016 [1952-1953], grifos do autor) define.

Essa linguagem comunicacional pode parecer simples, mas não é. Os memes possuem, em sua maioria, complexidade para compreensão e necessitam de diversos conhecimentos previamente internalizados. Trata-se de uma manifestação cultural e, por isso, se faz necessário compreender o período em que foi produzido, reconhecer a distribuição dos elementos gráficos, textuais e discursivos. Conforme Dias (2024), a influência desses elementos contribui e constitui a compreensão e a disseminação desse dialeto particular do meme que, inclusive, tem se intensificado cada vez mais na sociedade de hoje, especificamente por ser uma sociedade adjetivada de hiperconectada.

Também concordamos com Melo e Xavier (2017), para quem o meme pode apresentar palavras, fotos, imagens, movimentos e elementos caracterizadores deste gênero carregados de significação, que exigem uma observação atenta do leitor no processo de construção de sentidos e no (re)conhecimento da constitutividade histórica que forma os enunciados concretos postos em circulação a partir do gênero em apreço.

Na visão de Melo (2018)⁴, os memes têm a função de divertir, de disseminar histórias engraçadas, com o uso de frases curtas, geralmente sem pontuação, atreladas às fotografias, desenhos e imagens, com o propósito comunicativo de expandir ideias de forma fácil e acessível, sendo postas em circulação na rede por meio de imagens, *hashtags*, *emoticons*, *gifs*, dentre outras linguagens semióticas.

Ainda segundo o autor, os memes podem ser compreendidos como gêneros do discurso devido ao uso da linguagem vinculado a um campo da atividade humana, a partir de enunciados concretos relativamente estáveis e permeados por composição, tema e estilo. Logo, eles abrigam uma rede complexa de enunciados vivos, históricos e ideológicos, com o uso de linguagem verbal e não verbal, em tons discursivos constituídos por ironia, sarcasmo e crítica social, conforme Melo (2018). Nesse instante, convocamos a discussão metodológica que gerenciou a presente pesquisa.

⁴ Para uma discussão mais aprofundada sobre leituras dialógicas do gênero discursivo meme, recomendamos a leitura, na íntegra, do texto de Melo (2018).

Aspectos metodológicos

Em *Marxismo e Filosofia da Linguagem*, Volóchinov (2017 [1929]) nos apresenta que para estudar a palavra ideológica ou signo ideológico é conveniente reconhecer as seguintes exigências metodológicas:

- 1) *Não se pode isolar a ideologia da realidade material do signo* (ao inseri-la na “consciência” ou em outros campos instáveis e imprecisos).
- 2) *Não se pode isolar o signo das formas concretas da comunicação social* (pois o signo é uma parte da comunicação organizada e não existe, como tal, fora dela, pois se tornaria um simples objeto físico).
- 3) *Não se pode isolar a comunicação e suas formas da base material*. (Volóchinov, 2017 [1929], p. 110, grifos do autor).

A partir dessa concepção, depreendemos que para se estudar a linguagem e, conseqüentemente, a língua, é preciso: a) lançá-la no tempo e no espaço, o que evoca um pensamento sobre a interrelação entre linguagem, sociedade e história; e b) considerá-la em um corpo social, em espaços de vivências de grupos que se organizam para promoverem o exercício dialógico da linguagem e voltá-la para a estrutura, para a materialização corpórea de elementos linguísticos estruturados e estruturantes, articulados morfo e fonologicamente e que são vinculadores de funções semânticas constituídas por ideologias.

Nesse esteio, como constituição do *corpus* deste artigo, selecionamos enunciados concretos presentes em memes que circulam amplamente nas redes sociais, motivados pela sanção da Lei nº 15.100/2025, que proíbe o uso de telefones celulares nas escolas brasileiras. Essa escolha se fundamenta, entre outros fatores, na repercussão midiática observada a partir da matéria publicada pelo *Correio Braziliense*, em 29 de janeiro de 2025, intitulada *Memes sobre proibição de celulares viralizam nas redes*. A efeito de delimitação que demanda, inclusive, a própria extensão deste texto, escolhemos dois deles para apreciação analítica.

A referida reportagem evidencia o impacto social imediato da medida legal e a forma como estudantes e usuários das redes mobilizaram o humor como estratégia discursiva para comentar, criticar ou satirizar a nova norma. Conforme relatado na matéria, os memes apresentam desde situações cotidianas exageradas – como esconder o aparelho no tênis ou improvisar cabos de carregador em locais inusitados – até insinuações políticas de cunho irônico. Tais manifestações, segundo avaliação da União Brasileira dos Estudantes Secundaristas (UBES), apresentada na referida matéria, refletem uma forma descontraída, porém significativa, de expressão do descontentamento juvenil frente à nova legislação.

Entendemos, portanto, que os dois memes selecionados constituem uma amostra representativa de práticas discursivas contemporâneas que, além de refletirem posicionamentos sociais, tensionam os limites entre norma institucional e resposta popular. A ancoragem em uma cobertura jornalística reconhecida permite conferir ao *corpus* não apenas atualidade, mas também relevância enquanto objeto de análise dentro dos estudos discursivos em ambiente digital.

A geração de dados, realizada entre abril e maio de 2025, concentrou-se em memes que emergiram como resposta à proibição de celulares nas escolas (Lei nº 15.100/2025), alinhando-se aos objetivos da pesquisa. A nossa geração procedeu em função dos três eixos analíticos assumidos: (1) memes que refratassem e refletissem estratégias de humor como forma de resistência à norma; (2) produções sincréticas que evidenciassem o diálogo ou confronto entre vozes sociais distintas; e (3) que articulassem representações contraditórias sobre tecnologia e educação.

Discussões analíticas

Levando em consideração esses eixos analíticos e, sobretudo, o objetivo deste artigo, passemos à apreciação descritivo-analítica.

Imagem 1 - Meme da sala de aula



Fonte: Instagram⁵.

Capturado no *Instagram*, o meme acima não só constitui um exemplar de conteúdo digital viral – 384.303 curtidas (dados de 17 de janeiro) –, mas também se estrutura como uma crítica visual que se propaga como uma narrativa curta, situada em um dado cronotopo. Visualmente, ele retrata uma cena – sequência de acontecimentos – que ocorre em uma sala de aula cuja instituição não foi identificada. No centro da composição dessa materialidade sincrética, três adolescentes, trajados de uniformes escolares, apoiam-se em uma viga de aço disposta no teto, simulando, possivelmente, manobras de exercícios como Barra fixa.

Na materialidade verbal, percebemos uma legenda em português, sobreposta na parte superior esquerda da imagem, que marca a tonalidade valorativa e o contexto humorístico: “resultado da proibição de celulares nas escolas”. Esse enunciado funciona como um dispositivo dialógico para a interpretação irônica da cena, sugerindo, de forma hiperbólica, que a restrição de dispositivos móveis em ambientes educacionais corrobora manifestações de criatividade ou tédio por parte dos alunos.

Como se nota, o meme analisado constitui um enunciado concreto que materializa o conflito entre o discurso institucional e as práticas juvenis. A legenda *resultado da proibição de celulares nas escolas* funciona como um operador dialógico que estabelece uma relação irônica com a voz da autoridade educacional, isto é, o discurso oficial que justifica a proibição

5

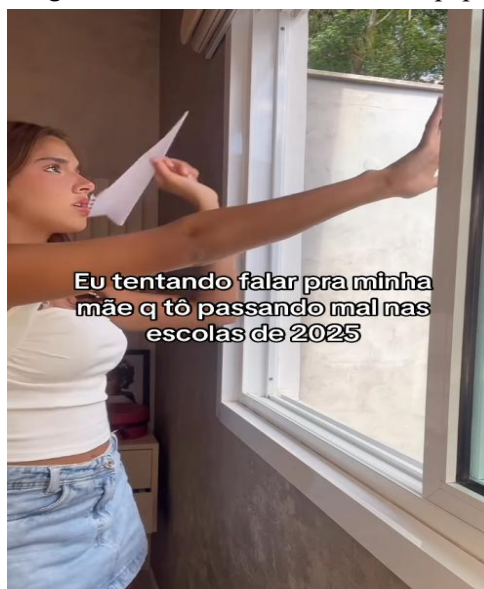
Disponível em:
https://www.instagram.com/reel/DE7iQmvOxsR/?utm_source=ig_web_copy_link&igsh=MzRIODBiNWFIZA=
 =. Acesso em: 14 maio 2025.

é posto às avessas, num diálogo irônico, acarretando efeitos de sentidos que são opostos aos pretendidos pela Lei supracitada: caos e criatividade subversiva. Nessa cadeia discursiva, a tonalidade valorativa do enunciado concreto – a partir da escolha lexical *resultado* – não só confere uma nuance de ridicularização à política educacional, mas também a carnavalização do espaço escolar que, tradicionalmente associado à disciplina, torna-se palco do caos lúdico, funcionando como tempo-espaço de rebeldia juvenil contra normas institucionais.

Como gênero discursivo digital, esse enunciado simultaneamente incorpora, acentua e contesta uma cadeia discursiva, articulando três vozes em conflito: a institucional (dialogicamente marcada como geradora da desordem no meme); a dos estudantes (representada pelo contexto social e enunciativo, concomitantemente, como tédio e criatividade subversiva); e, por último, a da cultura digital (amplificada pelo discurso humorístico hiperbólico). Ao potencializar as consequências da proibição, o meme cria uma arena de tensionamento discursivo entre a frieza da legislação (*proibição*) e a criatividade anárquica dos estudantes (*resultado*), expondo a tensão entre controle institucional e autonomia juvenil, retratando a política educacional como objeto de escárnio público.

Esse tipo de comunicação imagética replicável transcende a mera representação visual, uma vez que a viralidade do conteúdo reforça sua eficácia como instrumento de disputa de sentidos no espaço digital. A eficácia discursiva desse meme reside precisamente em sua capacidade de transcender o *status* de imagem isolada. Ao circular massiva e produtivamente, ele se torna um operador semiótico que organiza coletivamente o descontentamento juvenil, funcionando como uma ressonância na cadeia dialógica. Sua viralidade – materializada nas milhares de interações – não é mero dado estatístico, mas a prova de seu papel como arena de negociação de sentidos entre instituição e estudantes. Nesse processo, o formato replicável garante que a crítica inicial seja incessantemente reativada, atualizada e, paradoxalmente, consolidada como lugar-comum digital. Passemos ao segundo meme *corpus* da presente pesquisa.

Imagem 2 - Meme do aviãozinho de papel



Fonte: Instagram⁶.

O meme em análise, funcionando como um artefato microssatírico ⁷ visual característico da cultura digital contemporânea, encapsula uma narrativa crítica completa em sua estrutura concisa. Como protótipo discursivo, consoante a Bakhtin (2016 [1952-1953]), ele sintetiza três dimensões fundamentais da comunicação viral: (a) síntese narrativa, pois condensa uma crítica complexa à política educacional em uma cena visual cuja legenda também é sumária; (b) potencial replicável, já que sua estrutura sincrética (imagem e texto breve) é simples e permite adaptações e ressignificações sem prescindir da crítica social, mantendo sua potência discursiva em diversos contextos de circulação; (c) caráter dialógico, visto que articula, em um único enquadramento, múltiplas vozes sociais em tensão (estudantes, instituição escolar, criadores de conteúdo).

Do ponto de vista visual, a composição do meme constrói uma narrativa crítica a partir da imagem centralizada de uma jovem que apresenta uma expressão corporal de aparente frustração ou de desespero – ombros levemente curvados, braço estendido com rigidez, e rosto contraído numa representação de frustração. Essa performance visual não é aleatória, mas sim uma representação estereotipada do desespero juvenil frente ao contexto de restrição e regulação do uso dos celulares em sala de aula, hiperbolizada para fins satíricos. O objeto que empunha, um pedaço de papel que evoca uma carta ou solicitação formal, torna-se o elo

⁶ Disponível em: https://www.instagram.com/reel/DFVklv1xYt/?utm_source=ig_web_copy_link. Acesso em: 14 maio 2025.

⁷ Essa microssátira opera através de um duplo movimento: de um lado, reduz um debate sociopolítico complexo de cunho educacional, eliminando nuances jurídicas ou pedagógicas do debate, centrando-se apenas nos elementos que geram identificação emocional imediata; de outro, expande seus significados através do processo de circulação, valoração e reapropriação nas redes digitais.

físico de uma tentativa de comunicação em um cenário de restrição de uso dos celulares. A sobreposição textual na imagem, *Eu tentando falar pra minha mãe q tô passando mal nas escolas de 2025*, é o vetor fundamental para a decodificação do humor e da crítica subjacentes. O ato de *passar mal* aqui transcende a condição física, podendo metaforicamente representar um mal-estar generalizado.

O meme analisado, ao representar um diálogo frustrado entre filho(a) e mãe sobre "passar mal nas escolas de 2025", constitui-se como um enunciado concreto que materializa o dialogismo entre vozes sociais em conflito: de um lado, a perspectiva juvenil, que encara a proibição de celulares como uma medida autoritária e desconectada de suas realidades; de outro, o discurso institucional escolar, que justifica a restrição como necessária para a aprendizagem. A estratégia discursiva central do texto visual é a hiperbolização irônica – *passando mal* –, que transforma um mal-estar cotidiano em um drama existencial, operando como resistência simbólica à normatização dos corpos e das práticas digitais no espaço escolar.

Essa resistência se articula por meio do gênero meme, que, como discurso digital, permite a circulação de críticas sociais através do humor e do exagero. A menção a “2025” não apenas atualiza o debate – projetando um futuro próximo no qual a proibição já seria consolidada –, mas, também, desnaturaliza a medida, expondo suas arbitrariedades ao associá-la a um cenário de sofrimento. Nesse sentido, o meme veicula uma representação crítica da tecnologia na educação, não como mera distração, mas como elemento constitutivo das subjetividades juvenis, cuja interdição gera rupturas identitárias e práticas de desengajamento. Assim, o meme funciona como um discurso no qual juventude se inscreve, através do humor, para questionar Políticas Públicas Educacionais e, talvez, propor outras formas de negociar tecnologia e educação.

Em última análise, esta comunicação imagética replicável transcende sua função de mero entretenimento. Ela opera como um comentário cultural incisivo, articulando preocupações sobre a despersonalização das interações em instituições, as tensões entre as expectativas juvenis e as realidades normativas e a paradoxal complexidade das formas de comunicação na era digital. A imagem utiliza o humor, a hipérbole e a projeção temporal como ferramentas poderosas para fomentar engajamento e reflexão crítica sobre o cotidiano e as projeções futuras da experiência humana em contextos institucionalizados.

Considerações finais

À guisa de conclusão, a análise discursiva dos memes sobre a proibição de celulares nas escolas brasileiras, à luz da Teoria Dialógica da Linguagem, revela como os memes operam como enunciados concretos que carregam discursos de resistência a políticas, condensando críticas complexas em narrativas visuais concisas. Como se percebe, a Lei nº 15.100/2025, ao restringir o uso de dispositivos móveis em ambientes educacionais, desencadeou uma reação dialógica por parte dos estudantes, materializada em memes que articulam humor, hipérbole e crítica social. Esses enunciados concretos, ao circularem massivamente nas redes sociais, transcendem sua função inicial de entretenimento, transformando-se em arenas de disputa simbólica sobre tecnologia, educação e autonomia juvenil.

Os dois memes analisados – um retratando alunos pendurados em vigas e outro mostrando uma estudante tentando comunicar-se via carta – exemplificam estratégias distintas de colocar às avessas o discurso institucional. Enquanto o primeiro utiliza o absurdo físico para satirizar as consequências comportamentais da proibição, o segundo emprega um futurismo distópico para criticar a regressão tecnológica. Ambos, no entanto, compartilham uma estrutura polifônica comum: a voz dos estudantes (expressa por corpos em ação ou registros linguísticos informais) confronta-se com a voz implícita da instituição (representada por barreiras arquitetônicas), mediadas pela posição social do sujeito autor do meme, que amplifica o protesto através do humor. Essa dinâmica confirma a natureza dialógica da linguagem digital, para a qual todo enunciado é, fundamentalmente, uma resposta a outros enunciados.

Por fim, a viralidade desses conteúdos, que é evidenciada pelas milhares de interações, demonstra sua eficácia como instrumentos de mobilização discursiva. Ao transformarem políticas educacionais em objetos de escárnio público, os memes analisados não apenas refletem o descontentamento juvenil, mas também constroem imaginários coletivos sobre a escola do futuro. Seu poder crítico reside justamente na capacidade de fomentar debates complexos (redução) e, simultaneamente, expandir seus significados através da circulação (ressignificação). Como gêneros discursivos digitais, esses memes confirmam que, na era das redes sociais, o humor é tanto uma forma de resistência quanto um mecanismo de produção de conhecimento social sobre as tensões entre normas institucionais e práticas juvenis.

Referências

- BAKHTIN, Mikhail Mikhailovich. **Teoria do romance I: a estilística**. Tradução, posfácio, notas e glossário de Paulo Bezerra. São Paulo: 34, 2015 [1930].
- BAKHTIN, Mikhail Mikhailovich. **Os gêneros do discurso**. Tradução, posfácio e notas de Paulo Bezerra. São Paulo: 34, 2016 [1952-1953].
- DIAS, Thierry Silva. **Difusão de memes e comentários no perfil “South America Memes”**: interagindo sobre temas sensíveis no *Instagram*. Monografia de Graduação em Comunicação Social – Educomunicação. Universidade Federal de Campina Grande. Campina Grande, 2024.
- MELO, Raniere Marques de. **A valorização em memes**: um estudo dialógico no campo da comunicação do discurso religioso. Dissertação (Mestrado em Linguística), Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal da Paraíba. João Pessoa, 2018. Disponível em: <https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/123456789/12022> Acesso em: 20 maio 2025.
- MELO, Raniere Marques de; XAVIER, Manassés Moraes. Memes e ensino de Língua Portuguesa: um convite a leituras dialógicas na sala de aula. In: **Anais do X Seminário Nacional Sobre Ensino de Língua Materna e Estrangeira e de Literatura (SELIMEL) - Língua(gens), ensino e formação docente: políticas e profissionalização**. Campina Grande: EDUFPG, 2017. Disponível em <https://plataforma9.com/congressos/x-selimel-ensino-de-lingua-materna-e-estrangeira-e-de-literatura.htm>. Acesso em: 20 maio 2025.
- SOUZA, Carlos Fabiano de. Memes: formações discursivas que ecoam no ciberespaço. **Revista Vértices**, [S. l.], v. 15, n. 1, p. 127-148, 2013. DOI: <https://doi.org/10.5935/1809-2667.20130011>
- TEZZA, Cristovão. **Entre a prosa e a poesia**: Bakhtin e o formalismo russo. Rio de Janeiro: Rocco, 2003.
- VOLÓCHINOV, Valentin Nikolaevich. **Marxismo e filosofia da linguagem**: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. Tradução, notas e glossário de Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. São Paulo: 34, 2017 [1929].
- VOLÓCHINOV, Valentin Nikolaevich. Estilística do discurso literário I: o que é a linguagem/língua? In: **A palavra na vida e a palavra na poesia**: ensaios, artigos, resenhas e poemas. Organização, tradução, ensaio introdutório e notas de Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. São Paulo: 34, 2019 [1930], p. 234-265.
- XAVIER, Manassés Moraes. **Educomunicação em perspectiva dialógico-discursiva**. São Paulo: Mentis Abertas; Campina Grande: EDUFPG, 2020. Disponível em: <https://independent.academia.edu/MAbertas>. Acesso em: 19 maio 2025.

Recebido em: 25 de junho de 2025

Aceito em: 5 de novembro de 2025